

A ARTE DECORATIVA DE ESTUQUES DE INTERIORES EM PELOTAS 1870 - 1931

**ROZISKY, Cristina Jeannes¹; ALVES, Fábio Galli²; CALDAS, Karen Velleda³;
SANTOS, Veronica Coffy Bilhalba dos⁴; SANTOS, Carlos Alberto Ávila⁵**

¹Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural (PPGMP)/Universidade Federal de Pelotas(UFPEL) – crisroz@hotmail.com; ²Conservador Restaurador UFPEL – fabiogallirestauro@uol.com.br; ³PPGMP/UFPEL – caldaskaren@gmail.com; ⁴PPGMP/UFPEL – nicasantos2006@yahoo.com.br ⁵(orientador) PPGMP/UFPEL – betosant@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

O patrimônio cultural brasileiro é hoje definido, conforme expresso na Constituição Federal, como o conjunto dos “bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade” (BRASIL, 1988). Além da legislação existente, atualmente, vivenciamos o processo de patrimonialização que Françoise Choay denomina de “expansão ecumênica das práticas patrimoniais” (CHOAY, 2006). Este é relacionado com a ampliação do universo de bens culturais, através da noção de referência cultural, e engloba “objetos, práticas e lugares apropriados pela cultura na construção de sentidos de identidade. São o que popularmente chamamos de raiz de uma cultura”, como consta no Inventário Nacional de Referências Culturais, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Nesse contexto, insere-se a crescente especialização dos conhecimentos e das práticas relativas à conservação e à salvaguarda desse patrimônio histórico, artístico e cultural. Na ampliação desse conceito, este trabalho coloca como instrumento de preservação, o inventário dos bens integrados à arquitetura. Neste caso, os estuques decorativos de revestimentos e em relevo de interiores existentes nos bens imóveis significativos da cidade de Pelotas, construídos no período de 1870 a 1930. No Brasil, o conceito de bens integrados está associado ao de bens móveis. Desde 1980, os bens integrados são definidos como àqueles agregados às superfícies construídas, que se relacionam com o espaço circundante. A deterioração desses elementos deixa lacunas e a retirada dos mesmos, expressa a violência sofrida em interferências restaurativas.

A definição de estuque é muito ampla, em função da diversidade de técnicas empregadas, desde as proporções dos materiais utilizados na composição das massas até as traduções de termos técnicos empregados por teóricos da área. Isto acaba gerando confusões de nomenclatura e nos pareceres sobre esta tipologia de arte decorativa. O Dicionário da Arquitetura Brasileira, de Eduardo Corona e Carlos Lemos (1972), apresenta uma definição bem completa sobre o estuque. Segundo os autores, genericamente considera-se estuque toda a argamassa ou massa de revestimento ou decoração que, depois de seca, adquire grande dureza e durabilidade. É usada como vedação e também em baixos e altos relevos decorativos, podendo ainda receber pinturas a fresco e a fresco seco.

Esta técnica foi agregada à arquitetura, desde a Antiguidade até meados do século XX e encontra-se bastante difundida no patrimônio arquitetônico eclético local. O estudo mais aprofundado dessa técnica histórica e de seus estilos é o ponto de partida para a valorização, preservação, conservação e restauração destes bens integrados. A proposta desta pesquisa é, inicialmente, fazer uma

análise bibliográfica dos estudos sobre estuques decorativos na Itália e em Portugal, países de tradição nesta técnica. Identificar profissionais que migraram para o Brasil e, especificamente, para o extremo sul do país e Pelotas.

Os objetivos da investigação são: analisar a produção da estucaria em Pelotas; ponderar influências sofridas pelos artífices pelotenses de procedimentos desenvolvidos na Europa; efetuar leitura formal (Wölflin, 1989), iconográfica e iconológica (PANOFISKY, 2004) dessas peças; ressaltar as peculiaridades dos estuques decorativos nos ambientes interiores dos edifícios em estudo, nos quais a arquitetura eclética da cidade teve seu período áureo e a ornamentação registrou diferentes ideologias (SANTOS, 2011); criar um banco de dados com informações históricas e plásticas da técnica, na Itália, em Portugal e em Pelotas; analisar o estado de conservação desses elementos na arquitetura pelotense; desenvolver princípios para sua conservação e/ou restauração.

2. MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa será desenvolvida, primeiramente, através de uma revisão bibliográfica sobre o histórico das tradições, das técnicas, dos materiais e da iconografia utilizados e da preservação da estucaria em dois grandes centros de referência desta arte decorativa, que são Portugal e Itália (FOGLIATA e SARTOR, 1995; LEITE, 2008; MENDONÇA, 2009). A escolha desses países é fundamentada pelo fato de existir publicações sobre a difusão do conhecimento da técnica, que até o século XVIII é transmitida através dos mestres experientes para aprendizes nos canteiros de obras. A Escola de Desenho e Estuque foi criada em Lisboa após o terremoto de 1755, devido a demanda do mercado com a “necessidade de reconstruir os edifícios arruinados”.(MENDONÇA, 2009). No Brasil, a formação foi marcada com a fundação do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, no ano de 1873, que oferecia oficinas de estuque. (LIMA, 2001)

Paralelamente a pesquisa bibliográfica, será realizado o registro fotográfico dos exemplares pelotenses, que fundamentarão as análises: formal, iconográfica e de conservação das peças. A partir das fotografias, será feito estudo comparativo das composições ornamentais pelotenses com os estuques decorativos italianos e portugueses, evidenciando as semelhanças, assim como as particularidades da estucaria local. O estudo também se fundamentará, tanto nas referências bibliográficas quanto nos contatos via internet, com pesquisadores portugueses que se ocupam deste universo. A amostragem enfocará os seguintes prédios: as antigas residências do Barão de São Luis (Casarão 6) e do Barão de Cacequi (Casarão 8); a sede da Prefeitura; a edificação que hoje abriga o Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG), da UFPel. Todos os prédios possuem internamente um conjunto significativo de estuques decorativos, onde o parecer técnico das ornamentações de cada ambiente se valerá de dois eixos de observação: primeiro se avaliará a composição formal como um todo e, posteriormente, cada elemento de forma independente.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na análise bibliográfica, constatou-se que o estuque foi conhecido e utilizado por diferentes culturas, desde a Mesopotâmia e o Egito. Uma arte milenar que

ressurgiu na Itália no período do Renascimento¹, influenciada pelas escavações de Pompéia e Herculano. Os profissionais renascentistas, arquitetos ou artesãos, não somente utilizavam os elementos característicos da arquitetura da Antiguidade clássica, mas buscavam realizá-los de maneira mais perfeita do que os antigos (ALBERTI, 1991). Dessa maneira, atrelavam as formas originais à cientificidade, ao novo momento econômico e social que vivenciaram. Assim, na Renascença o estuque se mostrou como uma simulação perfeita para certas obras de cantaria, técnica menos onerosa em todos os sentidos. Nesse contexto, a Itália tornou-se referência e berço deste ressurgimento da arte da estucaria. Na bibliografia utilizada, constatou-se que o estuque português também teve sua origem influenciada por estucadores italianos. O terremoto ocorrido em Lisboa no ano de 1755 e, a decorrente necessidade da reconstrução dos edifícios arruinados, levou a criação da Aula de Desenho e Estuque, em 1764, com o intuito de formar um número significativo de artífices hábeis para as obras de reedificação da cidade. A Aula de desenho e Fábrica de Estuques teve a direção do estucador italiano radicado em Portugal, João Grossi (MENDONÇA, 2009).

A arte do estuque é bastante complexa, pois se constitui de dois grandes universos: o dos ornatos (relevados) e o dos revestimentos (lisos), não coincidentes em termos técnicos. Inicialmente, a proposta deste trabalho era desenvolver a análise desses dois campos, mas no decorrer da pesquisa, verificou-se que já existe no Curso de Conservação e Restauro/UFPel o Grupo de Estudos e Pesquisas em Estuque (GEPE), que se dedica a esse estudo, enfocando principalmente os estuques lisos lustrados, localmente denominados como *escaiola*². Em relação às divergências de nomenclatura e de técnicas, concluiu Alves (2011), que as escaiolas pelotenses são de fato estuques lisos lustrados (*stucco lustro*) fingindo mármore, geralmente pintados a fresco. Assim, a presente investigação aprofundará algumas questões já levantadas e, auxiliará as pesquisas já existentes com dados complementares. Neste sentido, as análises a serem desenvolvidas estarão mais focadas nos estuques de ornatos relevados, presentes nos forros das edificações em estudo citadas anteriormente. Não foi encontrado ainda qualquer indício sobre os artífices estucadores que trabalharam nestas obras.

4. CONCLUSÕES

O histórico da estucaria proporciona a valorização fundamentada de uma arte que tem referências históricas há quase três milênios, passando por alguns

¹ A arte decorativa de estuque, por ser uma técnica de adição, foi considerada arte menor, nunca teve seu devido reconhecimento. A arte clássica grega rejeitava o uso do estuque, pois os artistas acreditavam que a alma do objeto já estava dentro da pedra, e que o bom escultor sabia retirar as partes excedentes do bloco. No estuque, os ornamentos de massa são moldados em partes sobrepostas, ao contrário da escultura em pedra, que as retira. Somente no período helenístico é que os gregos passaram a considerar a escultura por adição, como nas decorações do Altar de Pérgamo.

² Em Portugal e em Espanha, perdeu-se o significado original do termo “escaiola”, que derivava da palavra italiana *scagliola* que, nos últimos dois séculos, por corruptela ou por simplificação, passou a designar, sem o ser, a técnica do stucco-lustro, e até por vezes, do stucco-marmo, situação que leva a algumas confusões terminológicas propagadas até nossos dias. Entre nós é muito frequente chamar “escaiolas” a todo tipo de fingimento de pedra, sejam estes feitos com pintura ou com cor dada na massa, como se pode comprovar consultando a entrada “escaiola” de dicionários de Belas-Artes dos séculos XIX ou XX (AGUIAR, 2005, p. 258).

ciclos de esquecimento, ressurgimento e apogeu. Os exemplares desta técnica encontrados em Pelotas datam da mesma época que esta arte decorativa tem seu último ápice em Portugal e, paralelamente, se desenvolvia nas capitais do Brasil, como o Rio de Janeiro, São Paulo, Belém e Belo Horizonte, oriunda do gosto pelo modismo arquitetônico historicista eclético europeu. As decorações de estuque brasileiras, na qual se inserem as pelotenses, mostram influências lusas, nas quais a miscigenação com a cultura local deu origem a trabalhos de grande originalidade e beleza. Como consequência destes ciclos, a ornamentação estucada foi lentamente passando de moda e perdendo o interesse dos proprietários de imóveis, afastando, naturalmente, os artífices que a ela se dedicavam. Muitos exemplares já desapareceram, outros estão em más condições de conservação e, sobre grande parte deles, o desconhecimento é praticamente total. Nesse contexto, este estudo contribui para a valorização, a classificação e a conservação desta arte milenar ainda pouco reconhecida.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, J. **Cor e cidade histórica: Estudos cromáticos e conservação do patrimônio**. Lisboa: FAUP publicações, 2005.
- ALBERTI, L. B. **De Re Aedificatoria**. Madrid: Akal, 1991.
- ALVES, F. G. **Termos e modos de fazer relacionados ao estuque denominado de escaiola nos revestimentos de paredes no sec. XIX**. 2011. 86f. Monografia (Graduação), Bacharelado de Conservação e Restauro de Bens Culturais Móveis, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2012.
- BRASIL, C. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.
- CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade/UNESP, 2006.
- CORONA, E. & LEMOS, C. **Dicionário da arquitetura brasileira**. São Paulo: EDART, 1972.
- FOGLIATA, M. & SARTOR, M. L. **L'arte dello stucco a venezia**. Roma: Edilstampa, 1995.
- LEITE, M. de S. J. P. **Os Estuques no século XX no Porto**. A Oficina Baganha. Porto: Gráfica Maiadouro, 2008.
- LIMA, S. F. de. **Ornamento e cidade: ferro, estuque e pintura mural em São Paulo 1870-1930**. Tese (Doutorado em História Social) Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001.
- MASCARENHAS, A. **Ornatos restauração e conservação**. Rio de Janeiro: Fólio, 2008.
- MENDONÇA, Isabel M. G. **Estuques decorativos a evolução das formas (sécs. XVI-XIX)**. Lisboa: Príncipeia/Terra Nova, 2009.
- PANOFSKY, E. Significado nas Artes Visuais. 3ªed. São Paulo:Perspectiva, 2004.
- WÖLFFLIN, Heinrich. **Conceitos fundamentais da história da arte**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- SANTOS, C. A. Á. et al. Elementos funcionais e ornamentais da arquitetura eclética pelotense: 1870-1931 estuques. **Eclétismo em Pelotas**. Artigo. Disponível em:
<<http://eclétismoempelotas.files.wordpress.com/2011/04/elementos-funcionais-e-ornamentais-da-arquitetura-eclética-pelotense-1870-1931-estuques.pdf>>.
Acesso em: 12 maio 2012.